

ANÁLISE DE CURRÍCULOS DO CURSO DE ENFERMAGEM DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CEARÁ

ANALYSIS OF THE NURSING COURSE OF THE UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CEARÁ

Elane da Silva Barbosa¹

<https://orcid.org/0000-0002-2668-8064>

Maria Nahir Batista Ferreira²

<https://orcid.org/0000-0002-2717-4794>

Silvia Maria Nóbrega-Therrien³

<https://orcid.org/0000-0002-9660-8314>

RESUMO

O currículo constitui-se documento orientador do processo formativo. Nesse sentido, estudá-lo permite compreender quais concepções, perspectivas e referenciais norteiam a formação dos sujeitos. Este estudo tem, portanto, como objetivo analisar a formação do enfermeiro a partir dos currículos do curso de Enfermagem da Universidade Estadual do Ceará - UECE, tomando como referência as disciplinas obrigatórias e a carga horária. Trata-se de pesquisa qualitativa do tipo descritiva e documental, que se reporta para as cinco matrizes curriculares do curso de Enfermagem. Os dados coletados acerca do número e da carga horária das disciplinas obrigatórias do curso de Enfermagem foram registrados numa planilha e, posteriormente, debatidos à luz de autores que tratam sobre essa temática. Enquanto resultados, foi possível identificar que os currículos passaram por transformações em relação à sua carga horária e ao número de disciplinas obrigatórias. Mudanças influenciadas pelo contexto sócio-histórico e cultural, nos distintos níveis: nacional, estadual e local, que suscitam reflexões acerca das manutenções e alterações na proposta de formação em Enfermagem. Considera-se, assim, a necessidade de que o professor possa refletir sobre as questões relacionadas ao currículo, a fim de que tenha mais subsídios para identificar as propostas explícitas e implícitas que orientam a formação.

Palavras-chave: Currículo. Disciplinas. Enfermagem. Formação.

ABSTRACT

The curriculum is the guiding document of the training process. In this sense, studying it allows one to understand which conceptions, perspectives, and referents guide the formation of subjects. This study therefore aims to analyze nurses' training based on curricula of the

¹ Doutora e Mestre em Educação, respectivamente, pela Universidade Estadual do Ceará (UECE) e Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). Bacharela e Licenciada em Enfermagem pela UERN. E-mail: elanesilvabarbosa@hotmail.com.

² Doutora e Mestre em Educação pela Universidade Estadual do Ceará. Graduada em História pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB). E-mail: nahir701@hotmail.com.

³ Enfermeira, com Mestrado em Educação pela Universidade Federal do Ceará. Doutorado em Sociologia da Educação, pela Universidade de Salamanca, Espanha. Pós-Doutorado em Educação pela Universidade de Valencia, Espanha. E-mail: silnth@terra.com.br

Nursing course of the State University of Ceará - UECE, taking as a reference the obligatory disciplines and the workload. It is a qualitative research of the descriptive and documentary type, which is reported for the five curricular matrices of the Nursing course. The data collected about the number and the hours of the compulsory subjects of the Nursing course were recorded in a spreadsheet and later debated in the light of authors who deal with this subject. As results, it was possible to identify that the curricula underwent transformations in relation to their workload and the number of compulsory subjects. Changes influenced by the socio-historical and cultural context, at different levels: national, state and local, which give rise to reflections about the maintenance and changes in the proposal of Nursing training. It is thus considered that the teacher should be able to reflect on issues related to the curriculum in order to have more support to identify the explicit and implicit proposals that guide the training.

Keywords: Curriculum. Subjects. Nursing. Formation.

1. INTRODUÇÃO

Discutir currículo remete à sua conceituação. No entanto, é importante lembrar que qualquer conceituação de currículo sempre está envolvida com algum tipo de poder, pois não existe neutralidade no currículo. Ele é o condutor de ideologia, da filosofia e da intencionalidade educacional. Desse modo, para Silva (1996, p. 23):

O currículo é um dos locais privilegiados onde se entrecruzam saber e poder, representação e domínio, discurso e regulação. É também no currículo que se condensam relações de poder que são cruciais para o processo de formação de subjetividades sociais. Em suma, currículo, poder e identidades sociais estão mutuamente implicados. O currículo corporifica relações sociais.

Logo, o currículo é uma prática complexa, e, portanto, há enfoques diversos e distintos graus de aprofundamento. Estudos desenvolvidos sobre currículo nas décadas de 1960 e 1970 destacam a existência de vários níveis de Currículo: formal, real e oculto. Esses servem para fazer a distinção de quanto o aluno aprendeu ou deixou de aprender, de como esse conhecimento vem sendo trabalhado, de que sujeitos se envolveram na elaboração da proposta curricular, que ideias e ideais perpassam esse processo (Moreira; Silva, 1997).

Nesse sentido, o *Currículo Formal* refere-se ao currículo estabelecido pelos sistemas de ensino, sendo expresso em diretrizes curriculares, objetivos e conteúdos das áreas ou disciplina de estudo. Está prescrito institucionalmente por meio de parâmetros e diretrizes. O *Currículo Real* refere-se àquele que acontece dentro da sala de aula com professores e alunos a cada dia em decorrência de um projeto pedagógico e dos planos de ensino. O *Currículo Oculto*, por sua vez, constitui-se no

termo usado para denominar as influências que afetam a aprendizagem dos alunos e o trabalho dos professores. Representa tudo o que os alunos aprendem diariamente em meio às várias práticas, atitudes, comportamentos, gestos, percepções, que vigoram no meio social e escolar. Diz-se que está implícito por que ele não aparece no planejamento do professor, entretanto é construído, muitas vezes, sem que se perceba (Moreira; Silva, 1997).

Assim, o processo formativo demanda uma complexidade de teorias, práticas, assuntos, ideologias, dentre outros. Seria impossível abordá-lo em sua integralidade. No entanto, acredita-se que se reportar para o currículo é essencial, visto que, consoante Silva (2005), esse tem o papel de orientar a formação do sujeito. Nortear. Apontar que caminho seguir. Só que esse caminho não é simplesmente explícito, harmônico e pacífico. Pelo contrário, é marcado por mensagens implícitas que afetam tanto ou mais quanto as claramente pronunciadas. É um território de contestação, em que há disputa de poderes, forças que desejam manter a ordem estabelecida e, ao mesmo tempo, energias que pretendem semear mudanças sociais. Nessa seara o sujeito é constituído, formado, forjado em sua identidade.

Com efeito, a formação do enfermeiro vem passando por transformações ao longo dos anos, sendo o perfil e a trajetória dos egressos atrelados ao modelo político-econômico-social vigente no país (Braid; Machado; Aranha, 2012). Essa trajetória, contudo, não ocorreu de forma linear, mas encontrou desafios que foram superados nos limites conjunturais de cada momento histórico da sociedade.

Os estudos realizados por Fernandes (1988) mostram que, no Brasil, a primeira tentativa de sistematização do ensino de enfermagem ocorreu em 1890, por ocasião da criação, na cidade do Rio de Janeiro, da Escola Profissional de Enfermeiros, no Hospício Nacional de Alienados, com a finalidade de preparar enfermeiros para os hospícios e hospitais civis e militares, sem, contudo, adotar a concepção de enfermagem moderna.

Nessa perspectiva, o currículo adotado na formação do enfermeiro nessa escola, tomou como referência o modelo francês, o qual, como alude Fernandes (1988), incluía noções de propedêutica clínica, anatomia, fisiologia, higiene hospitalar, curativos, cuidados especiais, tratamentos através de banhos, administração e economia das enfermarias. Sendo assim, os cursos de Enfermagem foram sendo criados no Brasil para atender às necessidades emergenciais de cada momento

histórico, sem, entretanto, atenderem aos padrões da Enfermagem Moderna, semelhantes aos que, em 1860, já haviam sido estabelecidos em Londres, por Florence Nightingale.

Nesse sentido, o processo de formação dos enfermeiros foi sendo demandado pelas transformações sociais, o que implica em continuidades e rupturas, pois envolve a evolução do mundo, das fronteiras, das tecnologias, dos estilos de vida presente no contexto atual e demandam flexibilidade e criatividade para atuar diante da complexidade das situações do cotidiano.

Igualmente, compreende-se que a formação em Enfermagem, numa análise crítica, demanda um novo olhar nas maneiras de ensinar e aprender. Esse desafio é posto não só pelo reconhecimento da complexidade da sociedade contemporânea, bem como pelas novas demandas legais, traduzidas pelas Diretrizes Curriculares Nacionais para a formação em Enfermagem (Brasil, 2001).

Tais desafios remetem à análise do currículo, visto que se configura numa demanda para as instituições formadoras ao possibilitar uma análise das concepções pedagógicas em estreita ligação com as práticas concretas, nos diversos cenários de aprendizagem, que envolvem também os serviços de saúde. Isso porque, como afirmam Kurimoto e Costa (2016), o discurso expresso pelo currículo deixa de ser uma mera forma de registrar disciplinas ou apontar temáticas a serem trabalhadas passando a delinear-se como uma proposta formativa defendida.

Sob essa perspectiva, o presente estudo tem como objetivo analisar a formação do enfermeiro a partir dos currículos de Enfermagem da Universidade Estadual do Ceará - UECE, tomando como referência as disciplinas obrigatórias e a sua carga horária.

2. METODOLOGIA

Esta pesquisa é de abordagem qualitativa, do tipo descritiva e documental. Para Bogdan e Biklen (1994), a investigação qualitativa caracteriza-se por ser aquela na qual os pesquisadores se inserem no contexto em que pretendem estudar, a fim de se aproximar da subjetividade que perpassa essa realidade e, desse modo, entender como foi se construindo o contexto investigado. Logo, os dados são recolhidos por meio de palavras pronunciadas ou até mesmo expressas em

comportamentos e atitudes; procurando ser fidedigno ao que foi coletado. Constitui-se ainda enquanto pesquisa descritiva, porque, segundo Gil (2009), apresenta como finalidade descrever, expor, detalhar determinadas características acerca do fenômeno estudado.

Neste estudo, portanto, insere-se na seara da formação em Enfermagem, particularmente tomando como referência o currículo, a fim de analisar descritivamente como vem se dando esse processo de formação do enfermeiro, a partir de informações que expressem a realidade estudada.

Ao se optar pelo currículo como *lócus* que possibilita a realização desta investigação acerca da formação do enfermeiro, está-se propondo, então, uma investigação documental, a qual, consoante Bogdan e Biklen (1994), diz respeito à utilização de escritos que já existem e que podem se converter em fonte para investigação. Desse modo, as informações a serem coletadas variam desde datas nas quais ocorreram determinados fatos até a narrativa de algum acontecimento. Conforme Gil (2009), esse tipo de pesquisa distingue-se também das demais porque trabalha com materiais (documentos, livros, escritos pessoais, etc.) que ainda não foram submetidos a uma análise crítico-científica sistematizada, a qual pode ser elaborada inclusive de acordo com a finalidade investigativa.

Na realidade do curso de Enfermagem da Universidade Estadual do Ceará - UECE, há cinco matrizes curriculares, desde 1979.2 quando foi criada a primeira matriz até os dias atuais: a de 1981.2; a de 1985.2; a de 1997.1 e, por fim, a de 2005.1. Destaca-se que esses currículos foram obtidos no próprio acervo do Núcleo de Documentação História e Memória da Enfermagem do Ceará – NUDIHME⁴.

Enquanto técnica para coleta de dados, cada currículo foi analisado separadamente, na sua integralidade, identificando como estava organizado, a quantidade de disciplinas que o compunha e qual a sua carga horária total e por disciplina. Todos esses dados foram registrados numa planilha, a fim de que, posteriormente, pudessem ser debatidos à luz de autores que tratam sobre a temática estudada.

⁴ Núcleo vinculado ao Centro de Ciências da Saúde da Universidade Estadual do Ceará. Tem como objetivo constituir um núcleo de pesquisa e documentação relativa à história da Enfermagem brasileira, em particular cearense. Possui acervo documental relevante sobre a História da Enfermagem.

3. RESULTADOS

Tomando como referência a organização dos currículos analisados, em relação à carga horária e aos seus componentes, identifica-se que as disciplinas, basicamente, se organizam em três áreas: *Ciências Humanas*; *Ciências da Saúde* e *Formação específica*. Por *Ciências Humanas*, entende-se aquelas disciplinas que se propõem a estudar o homem enquanto um ser social, sendo assim apoiam-se numa perspectiva filosófica, das artes, da comunicação. As *Ciências da Saúde* podem ser compreendidas como aquelas que se reportam à análise dos aspectos condicionantes e determinantes da saúde e da doença dos sujeitos. Já a *Formação específica*, como o próprio nome indica, refere-se àqueles conhecimentos específicos relacionados à área de atuação do profissional, nesse caso o do enfermeiro.

Embasando-se nessa perspectiva de três áreas que podem ser identificadas nos diferentes currículos, inicialmente foi empreendida uma caracterização de cada um deles, em relação à carga horária total e ao número de créditos geral, além de número de disciplinas: as obrigatórias e as optativas. A fim de apresentar de forma mais sistemática, elaborou-se o seguinte quadro:

Quadro 01, Disciplinas obrigatórias e optativas e carga horária, com o total de créditos, dos currículos do curso de Enfermagem da UECE, Fortaleza-CE, 2017.

MATRIZ CURRÍCULAR	CARGA HORÁRIA/ Nº DE CRÉDITOS TOTAL	NÚMERO DE DISCIPLINAS OBRIGATÓRIAS	NÚMERO DE DISCIPLINAS OPTATIVAS
1979.2	3240 horas/216 créditos	34	5
1981.2	3990 horas/266 créditos	43	20
1985. 2	3570 horas/238 créditos	38	53
1997.1	4318 horas/254 créditos	31	10
2005.1	4862 horas/286 créditos	36	39

Fonte: Dados da pesquisa (2017).

A matriz de 1979.2 traz a menor carga horária da história do curso, tanto em número de disciplinas obrigatórias quanto optativas (UECE, 1979). Já a matriz de 1981.2 traz um aumento significativo em sua carga horária, com 43 disciplinas obrigatórias e 20 disciplinas optativas (UECE, 1981), haja vista 34 disciplinas

obrigatórias e 05 disciplinas optativas da matriz 1979.2. Infere-se que o aumento da carga horária do curso por meio de um conjunto de disciplinas obrigatórias e optativas diz muito da formação da enfermeira cearense nesse período, suscitando acréscimo no que se compreendia que deveria compor a sua formação naquele período.

É preciso destacar que essas duas matrizes são implementadas na realidade da ditadura militar que perdurou no Brasil de 1964 ao início de 1985; existindo, portanto, um perfil de enfermeiro que se almejava formar para o contexto brasileiro. Obviamente que, de um currículo para o outro, inclusive como resultado de modificações no próprio contexto histórico repressivo, militar e impositivo, há mudanças na perspectiva do enfermeiro a ser formado.

Realizada uma breve apresentação e caracterização dos currículos, reporta-se agora para a organização das disciplinas obrigatórias. Em relação à organização das disciplinas de cada currículo, no que concerne às áreas das Ciências Humanas, das Ciências da Saúde e da Formação específica, foi possível consolidar os seguintes dados:

Quadro 02. Disciplinas obrigatórias distribuídas por área: Ciências Humanas, Ciências da Saúde e Formação Específica de cada currículo do curso de Enfermagem da UECE, Fortaleza-CE, 2017.

MATRIZ CURRICULAR	NÚMERO DE DISCIPLINAS OBRIGATÓRIAS	DISCIPLINAS DA ÁREA DE CIÊNCIAS HUMANAS	DISCIPLINAS DA ÁREA DE CIÊNCIAS DA SAÚDE	DISCIPLINAS DA ÁREA DE FORMAÇÃO ESPECÍFICA
1979.2	34	8	15	11
1981.2	43	5	21	17
1985.2	38	3	17	18
1997.1	31	2	10	19
2005.1	36	2	13	21

Fonte: Dados da pesquisa (2017).

O currículo de um curso possibilita observar que proposta de profissional se espera formar. Assim, analisar o número de disciplinas em cada área da formação da enfermeira cearense instiga a reflexão sobre o perfil profissional preconizado em cada momento histórico. Desse modo, conforme descrito no quadro 2, o número de disciplinas obrigatórias aumentou na matriz de 1981.2 passando para 43, em relação a matriz de 1979.2 que possuía um conjunto de 34 disciplinas obrigatórias. Nas duas matrizes seguintes, 1985.2 e 1997.1, esse número tende a diminuir passando para 38 e 31, respectivamente. Esse dado revela que os ajustes e/ou mudanças no quantitativo de disciplinas influencia na formação da enfermeira, no que se quer

ensinar e que conteúdos devem permanecer em detrimento de outros, bem como na dicotomia teoria e prática.

Comparando as disciplinas que compõem a Área de Ciências Humanas, em todos os currículos, identifica-se uma diminuição progressiva em todas as matrizes, com exceção das duas últimas, na qual se matem estável num quantitativo de duas disciplinas.

No tocante às disciplinas da Área de Ciências da Saúde, conforme descrito no quadro 2, houve uma oscilação, isto é, elas aumentaram e diminuíram, dependendo do período, atingindo seu maior número na matriz de 1981.2, com um total de 21 disciplinas. Esses dados revelam a existência de uma expectativa de mudanças curriculares com foco no perfil do profissional que se tenciona formar, considerando às necessidades concretas da população, bem como as orientações propostas pelo SUS.

As disciplinas da Área de Formação Específica, por sua vez, são as únicas que aumentam gradativamente a cada matriz curricular, começando com 11 na matriz de 1979.1 e terminando com 21 disciplinas na matriz de 2005.1.

Ao analisar também a trajetória das disciplinas da área da saúde em relação à sua distribuição quantitativa no decorrer dos currículos, há uma relação com as disciplinas da formação específica. É perceptível que, à medida que o número de disciplinas relativas à saúde vai oscilando, aumentado no caso da matriz de 1981.2, diminuindo significativamente na de 1997.2 ou se elevando discretamente na de 2005.2 em relação à matriz curricular anterior, as disciplinas específicas mantem um progressivo aumento numérico.

Essa situação suscita a reflexão de que esse ensino foi se tornando cada vez mais específico, voltando-se para as particularidades da formação em Enfermagem. No entanto, no de 2005.1, podem ser contabilizadas 13 disciplinas relativas à área da saúde, isto é, conhecimentos que se relacionam de forma mais ampliada com o núcleo da formação em saúde.

4. DISCUSSÃO

Conforme focado no quadro 1, na trajetória do Curso de Enfermagem da UECE, foram elaboradas cinco matrizes curriculares, as quais nasceram com escopo

nos aportes legais de cada contexto histórico, em seu espaço temporal, orientando a organização do curso.

Como enfatiza Traldi (1987), as transformações sociais levaram as pessoas a repensarem o sistema educacional e, conseqüentemente, o papel da escola. Logo, o currículo, enquanto orientador da prática pedagógica, vai ser formulado a partir das necessidades histórico-sociais no qual se insere; tentando responder, pois, às demandas que surgem para a instituição formadora. Desse modo, consoante Sacristán (2000), a construção do currículo não pode ser descontextualizada, por isso se deve olhar para os aspectos político-administrativos, os sistemas de produção dos meios sociais, a participação e controle dos sujeitos, além da ordenação do sistema educativo.

Conforme Silva (2015), o currículo de 1979.2, focado na assistência hospitalar, objetivava formar profissionais para a assistência do sujeito em âmbito individual e curativista, centrado na dimensão biológica; preconizando o procedimento em detrimento da relação entre profissional e sujeito que procura a instituição de saúde, além de se preocupar com a formação humana, ao enfatizar disciplinas na área de Ciências Humanas. Nesse momento, o curso já habilitava os profissionais, isto é, o enfermeiro poderia sair habilitado em determinadas áreas de atuação: Enfermagem médico-cirúrgica; Enfermagem obstétrica e Enfermagem em Saúde Pública.

Nessa época, o currículo mínimo de Enfermagem preconizava um ciclo básico, em que se enfocavam disciplinas relacionadas a fundamentos sociais; um núcleo profissionalizante, relacionado à formação em saúde e, por fim, as habilitações citadas anteriormente. Nesse momento, houve uma crítica, porque o Parecer do Conselho Federal de Educação que norteou esse currículo propunha 50% da carga horária para a formação básica, o que suscitou o questionamento se os estudantes, de fato, estariam tendo um ensino capaz de lhes preparar para o exercício profissional. Essa realidade motivou reflexões acerca da matriz curricular gerando novas propostas (Godoy, 2001).

A matriz curricular de 1981.2 ainda se centrava numa assistência hospitalocêntrica, no entanto já se percebe maior discussão acerca dos assuntos relativos à Saúde Pública, o que certamente ocorreu também em decorrência da Reforma Sanitária (UECE, 1981). Movimento que aconteceu mundialmente, inclusive no Brasil e que propunha repensar a concepção acerca de saúde-doença e o papel

do Estado nessa realidade. O currículo de Enfermagem da UECE, nesse momento, também se voltou para a formação de professores, com a inclusão da Licenciatura (Silva, 2015).

No currículo de 1985.2, há uma diminuição da carga horária (UECE, 1985), em comparação com a da matriz que a antecede, 3990 horas/266 créditos para 3570 horas/238 créditos. Interessante ressaltar que esse decréscimo de horas ocorreu em relação aos conteúdos teóricos; a carga horária de inserção na prática se manteve. Nessa perspectiva, as disciplinas obrigatórias também diminuíram, passando para 38 e as disciplinas optativas saltaram de 20 para 53, conforme registro no quadro 1.

O contexto em que se dar esse processo formativo na Enfermagem é de abertura política, com a volta dos civis ao governo, e, conseqüentemente, surgem novas demandas da sociedade, da educação, da saúde e da formação no ensino superior. Assim, esse currículo permanece na tendência de formar para a assistência hospitalar, mantendo apenas a habilitação na Licenciatura. Por outro enfoque, é possível perceber uma flexibilidade na formação do enfermeiro tendo em vista um número elevado de disciplinas optativas, o que sugere o vislumbre de uma maior amplitude na atuação desse profissional.

A matriz de 1997.1 traz mudanças relevantes em suas disciplinas e cargas horárias. Há uma reorganização no conjunto das disciplinas, com 31 obrigatórias e 10 optativas (UECE, 1997). O cenário dessa mudança também é relevante para o campo da educação, pois, trata-se do contexto da nova legislação, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação - LDB 9.394/96, que possibilitou a autonomia para as universidades estruturarem seus cursos (Brasil, 1996). Soma-se a isso, a criação do SUS – Sistema Único de Saúde, amparado pelas Leis Orgânicas: Lei nº 8.080/90, dispendo sobre as condições para a promoção, proteção e recuperação da saúde, a organização e o funcionamento dos serviços correspondentes (Brasil, 1990a), e a Lei nº 8142/90, que dispõe sobre a participação da comunidade na gestão do SUS, assim como da transferência de recursos entre esferas de governo (Brasil, 1990b).

Essa proposta curricular, por mais que ainda centrasse a formação para a assistência hospitalar, propunha um vislumbre diferente ao propor a produção de um cuidado em saúde voltando tanto para a cura, como para a prevenção de doenças, bem como para a promoção da saúde (Silva, 2015).

Considera-se pertinente, nesse contexto, compreender o currículo como uma realidade histórica, cultural e socialmente determinada, que se reflete em procedimentos didáticos e administrativos que condicionam a sua prática e a sua teorização (Sacristán, 2000). Ao abordar a respeito da implantação dos vários currículos na Enfermagem no *lócus* investigado, compreende-se, pois, como um processo social, no qual convivem os fatores lógicos, epistemológicos, intelectuais e determinantes sociais como poder, interesses, conflitos, tanto simbólicos como culturais e ainda intenções de dominação conduzida por fatores ligados à classe, raça, etnia e gênero.

Essa realidade torna-se perceptível na matriz de 2005.1, a qual traz um conjunto de 75 disciplinas, sendo 36 obrigatórias e 39 optativas, está em vigor até os dias atuais (UECE, 2005). Essa matriz traz no seu cerne a influência de todas as matrizes que constituíram o curso, as rupturas e as continuidades que tecem a formação da enfermeira cearense. São 30 anos da democracia, conquistas e desafios em um país de dimensões continentais, cujas demandas formativas do enfermeiro exigem uma prática reflexiva e compreensão das necessidades de cada sujeito/paciente na contemporaneidade.

Esse currículo, fortemente influenciado pelas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação em Enfermagem, as quais preconizam o perfil de um enfermeiro generalista, com postura crítico-reflexiva e formação humanista (Brasil, 2001), visa formar sujeitos capazes de intervir tanto no âmbito hospitalar quanto na comunidade, ou seja, no campo da saúde pública, em nível individual e coletivo.

Tal análise remete aos estudos de Sacristán (2000) ao ressaltar que o debate sobre a existência, na história do pensamento científico curricular, de uma corrente dominante dividiu os temas (conteúdos do ensino) sobre o currículo da instrução (ação para desenvolver os temas, por meio de atividades práticas).

Os currículos analisados muito dizem da formação do enfermeiro cearense, o que não incompatibiliza com a formação do enfermeiro em âmbito nacional, haja vista o contexto histórico, econômico, social e cultural, bem como o marco regulatório. Contudo, não deixa de fazer-se presente as suas singularidades locais e regionais que trazem as marcas dos sujeitos envolvidos no processo formativo.

Em relação à distribuição quantitativa das disciplinas em relação às áreas das Ciências Humanas; Ciências da Saúde e Formação específica remete a algumas

ponderações. *A priori*, é pertinente ressaltar que, embora haja uma diminuição das disciplinas na Área de Ciências Humanas, isso não implica que esse conteúdo não esteja presente na formação do enfermeiro da UECE. O professor, ao ministrar disciplinas de outras áreas, pode trabalhar os aspectos da formação humana, sobretudo, pelo fato do curso, ter como mote principal o cuidado, aspecto intrínseco à condição de ser humano. Para Traldi (1987), um dos aspectos fundamentais quando se trata de currículo é observar como ele está organizado, bem como de que modo o professor o materializa. Esse currículo pode estar focado em disciplinas isoladas, em núcleos que dialogam entre si, em temáticas. E o professor, como mediador desse processo de construção de conhecimentos, desempenha papel preponderante, porque também tem a possibilidade de decidir de que forma irá trabalhar os conteúdos, se fazendo relação uns com os outros ou de modo estanque.

Ainda nesse sentido, Sacristán (2000, p.185) afirma que:

O professor transforma o conteúdo do currículo de acordo com suas próprias concepções epistemológicas e também o elabora em 'conhecimento pedagogicamente elaborado' de algum tipo e nível de formalização enquanto a formação estritamente pedagógica lhe faça organizar e acondicionar os conteúdos da matéria, adequando-os para os alunos.

No entanto, sob outro ângulo, não se pode deixar de refletir que a diminuição no número de disciplinas relacionadas à Área de Ciências Humanas e o aumento progressivo das disciplinas relativas à Formação específica nos currículos do curso de Enfermagem remonta à discussão do currículo oculto.

Braid, Machado e Aranha (2012) expõem que os debates acerca do currículo na Enfermagem sempre ocorreram, entretanto de forma tímida. Porém, nos últimos anos, esse movimento vem crescendo, porque se concebe o currículo como norteador do processo formativo. Logo, em épocas de competitividade, as instituições formadoras estão cada vez mais preocupadas em formar para as necessidades emanadas do mercado de trabalho e, nesse panorama, a elaboração do currículo, como documento norteador, mostra-se indispensável.

Muitas vezes, essa situação pode gerar uma formação voltada excessiva e predominantemente para a inserção do sujeito no mercado de trabalho. Com isso, não se está afirmando aqui que as universidades devem deixar em segundo plano a

formação técnico-científica dos estudantes; pelo contrário acredita-se que é naturalmente função do ensino superior formar para o exercício profissional. Porém não se pode deixar de considerar que a escola, em qualquer nível, como pressupõe Delors (2000), tem o papel de formar o sujeito na sua integralidade para aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a ser e aprender a viver. Como sintetiza Alba (1998), é preciso articular no currículo formação teórico-básica com crítico-social e tecnologia-prática, ou seja, o sujeito precisa construir conhecimentos básicos, conseguir refletir sobre o contexto do qual faz parte e saber lidar com as tecnologias.

Sacristán (2000) alerta que a seleção dos conteúdos, disciplinas ou áreas presentes na constituição de um currículo não é neutra. Cada grupo que elabora um currículo preconiza aqueles aspectos que considera mais pertinentes, inclusive porque existem temáticas que são mais valorizadas do que outras. Essa seleção ocorre com diferentes perspectivas, já que tanto pode ser para manter a ordem vigente, assim como para reconstruir a estrutura.

Sendo assim, esse decréscimo de disciplinas da área de formação humana e acréscimo das disciplinas de cunho específico pode reportar a uma poderosa ação do currículo oculto, propondo o predomínio dos saberes técnico-científicos, os saberes profissionais, a formação para o mercado de trabalho, em detrimento dos saberes que possibilitam ao sujeito se desenvolver integralmente. Currículo oculto pode ser compreendido como aqueles conhecimentos construídos e experiências vivenciadas nas instituições formadoras, sem que necessariamente sejam planejadas e, em muitos casos, sem que os sujeitos tenham consciência de sua existência (Sacristán, 2000).

No que tange ao currículo de 2005.1, o acréscimo de disciplinas da área de Ciências da Saúde, que podem ser encontrados em outros cursos, pode ser motivado, como ponderam Braid, Machado e Aranha (2012), pelas discussões relacionadas à formação interdisciplinar do profissional de saúde, o que se traduz na necessidade de disciplinas que sejam comuns aos cursos da saúde, embora que dentro de cada campo tenha suas particularidades

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo, sob algumas perspectivas, pode tornar-se restritivo no sentido de se reportar apenas para a carga horária e o número de disciplinas obrigatórias nos currículos do curso de Enfermagem da UECE. Por outro lado, estudar o currículo demanda múltiplos horizontes, o que faz necessário delimitar a partir de qual foco se pretende compreendê-lo. Interessante que, mesmo com um enfoque aparentemente simples: a carga horária e o número das disciplinas, foi possível construir conhecimentos pertinentes acerca da formação em Enfermagem.

Constatou-se que os currículos passam por diversas transformações ao longo do tempo no que tange à carga horária e ao número de créditos do curso, assim como o número de disciplinas obrigatórias em relação à sua organização por áreas: Ciências Humanas; da Saúde e Formação específica. São mudanças que não se trata apenas de expressões quantitativas ou nomenclaturas, mas implicam em manutenções, rupturas e modificações na proposta da formação do enfermeiro cearense. Proposições que, certamente, tiveram influência do contexto histórico-social no qual esses currículos foram sendo elaborados, tanto em nível nacional, estadual e local.

Também se identificou que o currículo em Enfermagem, assim como os das demais áreas, não é apenas formal. Não se restringe àquilo que está escrito, prescrito, registrado num documento. Há o currículo oculto, aquele se faz presente implicitamente, de forma discreta e velada, construindo conhecimentos que subsidiarão a formação dos sujeitos.

Ao analisar as matrizes do curso de Enfermagem da UECE, há uma expressiva diminuição nas disciplinas da área de Ciências Humanas e um exponencial aumento das disciplinas de formação específica. É válido, então, refletir sobre o referencial filosófico, pedagógico e epistemológico que vem norteando a formação do enfermeiro. Ratifica-se: a diminuição ou o aumento de disciplinas de uma ou outra área por si só não dão a tônica do processo formativo; há outros aspectos que precisam ser levados em consideração, tais como: de que modo essas disciplinas estão organizadas, como se articulam (ou não) e, particularmente, a atuação do professor. Entende-se que o pensar-fazer docente constitui-se numa das grandes ações materializadoras desse currículo, o que faz com que deixe de estar simplesmente prescrito e se torne real, escrito dia a dia e até mesmo inscrito na subjetividade dos sujeitos.

Nesse aspecto reside a necessidade de que o docente possa ter a oportunidade de estudar e refletir acerca dessas questões relacionadas ao campo do

currículo. Isso porque se é difícil para professores advindos de outras áreas essa sensibilidade crítico-reflexiva sobre o currículo, isso se torna ainda mais desafiador ao tratar dessa temática com docentes advindos de cursos da saúde que, em muitos casos, não tiveram formação pedagógica, o que torna mais árdua essa reflexão.

Assim, a realização desta investigação conduz à percepção de que o conhecimento acerca das discussões relacionadas à matriz curricular demanda uma busca constante que exige criatividade, criticidade e sensibilidade, cujo sentido se faz, ao mesmo tempo, nos estudos, na prática e na transformação da realidade.

REFERÊNCIAS

ALBA, A. de. **Curriculum: crisis, mito y perspectivas**. Buenos Aires: Miño e Dávila, 1998.

BOGDAN, R. C.; BIKLEN, S. K. **Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos**. Porto Alegre: Porto Editora, 1994.

BRAID, L. M. C.; MACHADO, M. de. F. A. S.; ARANHA, A. C. Estado da arte das pesquisas sobre currículo em cursos de formação de profissionais da área da saúde: um levantamento a partir de artigos publicados entre 2005 e 2011. **Interface: comunicação, saúde, educação**, Botocatu, v.16, n.42, p.679-92, 2012. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/icse/v16n42/v16n42a08.pdf> Acesso em: 13 jul. 2016.

BRASIL/MEC. **Lei nº. 9.394**. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília, DF: 20 de dezembro de 1996.

BRASIL. **Lei nº 8.080/90**. Dispõe sobre as condições para a promoção, proteção e recuperação da saúde, a organização e o funcionamento dos serviços correspondentes e dá outras providências. 19 de setembro de 1990a.

BRASIL. **Lei nº 8142/90**. Dispõe sobre a participação da comunidade na gestão do Sistema Único de Saúde (SUS) e sobre as transferências intergovernamentais de recursos financeiros na área da saúde e dá outras providências. 28 de novembro de 1990b.

BRASIL. **Resolução CNE/CES nº 03/2001**. Institui as Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Graduação em Enfermagem. 07 de novembro de 2001.

DELORS, J. (Org). **Educação, um tesouro a descobrir**: relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI. Brasília: UNESCO, 2000.

FERNANDES, J. D. **Expansão do ensino de Enfermagem no Brasil**. 1988. 255 f. Tese (Doutorado em Enfermagem) – Universidade Federal da Bahia. Salvador, 1988.

KURIMOTO, T. C. da S.; COSTA, A. S. S. M. da. A formação de graduação em Enfermagem: o currículo e seus discursos. **Revista Professare**, Caçador, v. 5, n. 01, p. 79-100, 2016. Disponível em: <http://periodicosuniarp.com.br/professare/article/view/803/423> Acesso em: 13 jul. 2016.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6 ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GODOY, C. B. Construindo uma nova proposta pedagógica no curso de Enfermagem da Universidade Estadual de Londrina. **Revista Brasileira de Enfermagem**, Brasília, v. 54, n. 04, p. 568-77, 2001. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/reben/v54n4/v54n4a05.pdf> Acesso em: 13 jul. 2016.

SILVA, A. da C. **A formação da enfermeira no estado do Ceará com base na análise dos currículos (1979-2013)**: trajetória e tendências. 2015. 159 f. Dissertação (Doutorado em Educação) – Universidade Estadual do Ceará. Fortaleza, 2015.

SILVA, T. T. da. **Identidades terminais**: as transformações na política da pedagogia e na pedagogia da política. Petrópolis: Vozes, 1996.

_____. **Documentos de identidade**: uma introdução às teorias de currículo. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

SACRISTAN, J. G. **Poderes instáveis em educação**. Tradução de Beatriz Affonso Neves. Porto Alegre: Artmed, 1999.

_____. O currículo: os conteúdos do ensino ou uma análise prática. In:_____.; GÓMEZ, A. I. P. **Compreender e transformar o ensino**. 4. ed. Porto Alegre: ArtMed, 2000.

_____. **O Currículo, uma reflexão sobre a prática**. Porto Alegre: Editora Artmed, 2000.

MOREIRA, A. F. B.; SILVA, T. T. (Orgs.). **Currículo, cultura e sociedade**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1997.

TRALDI, L. **Currículo: conceituação e implicações, metodologia de avaliação, teoria e prática, formas de organização, supervisão, fundamentos, currículo universitário**. 3 ed. São Paulo: Atlas, 1987.

UECE. Centro de Ciências da Saúde/Universidade Estadual do Ceará. **Matriz Curricular do Curso de Enfermagem**. Fortaleza-CE: Centro de Ciências da Saúde, Universidade Estadual do Ceará, 1979.

_____. **Matriz Curricular do Curso de Enfermagem**. Fortaleza-CE: Centro de Ciências da Saúde, Universidade Estadual do Ceará, 1981.

_____. **Projeto Político Pedagógico do Curso de Graduação em Enfermagem**. Fortaleza-CE: Centro de Ciências da Saúde, Universidade Estadual do Ceará, 1987.

_____. **Projeto Político Pedagógico do Curso de Graduação em Enfermagem**. Fortaleza-CE: Centro de Ciências da Saúde, Universidade Estadual do Ceará, 1997.

_____. **Projeto Político Pedagógico do Curso de Graduação em Enfermagem**. Fortaleza-CE: Centro de Ciências da Saúde, Universidade Estadual do Ceará, 2005.